

CPOV 29.5.83
RN 298
M 613

RUBEM BRAGA

Sêde Trouxas Suavemente...

Trechos salteados e final de um discurso de paraninfo dos licenciandos da Faculdade de Filosofia da Universidade do Espírito Santo

«... **C**ONTAREI um incidente ocorrido, anos atrás, na redação da revista «Manchete». Surgiu uma discussão entre um **copy-desk** e um revisor de provas a respeito de uma crase. Alguns redatores opinaram no caso, a discussão azedou-se e acabou com insultos e até palavrões. No dia seguinte, o poeta Ferreira Gullar, que era redator da revista e não tomara parte na disputa, escreveu a seguinte frase, que pregou no muro: «a crase não foi feita para humilhar ninguém».

Não, meus amigos, a crase não existe para provocar discussões nem dificultar a escrita, mas para abreviá-la e facilitar o entendimento, esclarecer o sentido da frase; a crase é útil como a tábua de logaritmos é útil, e depende de vós, que as novas gerações vejam uma e outra como coisas amigas e não como fantasmas inquietantes.

É provável que eu esteja vos dizendo banalidades — o que de resto nunca fica mal em um discurso de paraninfo. Já disse que não vos trazia conselho; mas trago uma advertência.

A advertência é sobre a excepcional responsabilidade que vai pesar sobre os vossos ombros. Ides exercer o vosso ofício em um momento muito especial da História do Brasil e particularmente da História do Espírito Santo. Minha geração assistiu e está assistindo à fase final da ocupação efetiva da terra pelo homem do Espírito Santo. Quando eu era menino, ainda se derrubavam matas, no Sul do Estado, para plantar café. Depois, as serrarias começaram a emigrar para Colatina e os pastos substituíram os cafezais do morro, na minha paisagem natal.

Conheci as matas do Rio Doce na pompa e no mistério de sua pujança. Quando voltei lá, há pouco tempo, o que encontrei em muitos sítios, foi uma capoeira rala, uma vegetação pobre e salteada, a lembrar o sertão do Nordeste. Nossos rios estão secando. Capixabas, mineiros e baianos ocuparam tumultuariamente o que nos restava ao Norte de terras ainda virgens. Agora, a aventura desbravadora acabou. Daqui para a frente não bastará ter o braço rude e a ambição dura, para tirar dinheiro da terra. Daqui para a frente o capixaba, para poder viver de sua terra, terá de trabalhar com a cabeça. A mesquinhez de nossa renda per capita, o pauperismo de grandes camadas da população, a migração para as cidades e para as favelas do Rio, todo esse quadro de nossa pobreza estadual vós o conheceis melhor do que eu.

Se alguma esperança podemos ter no futuro, são os fogos de uma nova siderurgia que a iluminam. Vitória verá, enfim, chegar a sua hora de centro industrial? Para as tarefas múltiplas que esse desenvolvimento criará, precisaremos, na cidade e no campo, de homens mais educados...»

DN 20.12.67 - segue

412

«... E vós, educadores capixabas, tereis de aceitar êsse desafio lançado por uma sociedade em transformação. Não sou dos que acreditam que a educação, por si só, faça milagres, mesmo porque a educação não pode avançar onde as doenças e a miséria fecham os caminhos do ensino e até mesmo do ensino primário completo a um grande número de filhos do povo».

«... Mas nenhum povo se desenvolve se não tiver, além dos meios materiais e intelectuais imprescindíveis a isso, se não tiver, pelo menos em seus melhores homens, aquela integridade moral, aquela crença honesta de que vale a pena fazer alguma coisa pelo bem de todos. É preciso que pelo menos alguns sejam crentes, sejam patriotas, sejam abnegados, sejam trouxas.

Flávio de Carvalho disse certa vez que o lavrador é o trouxa da nação. Ele se esqueceu do professor. O professor, o bom professor, êsse está destinado a ser o grande trouxa da comunidade. A viver de um salário modesto, uma vida sem grandes horizontes materiais, dando o melhor de si para os outros, para os filhos dos outros.

O caricaturista e sambista Nássara me dizia uma vez de um nosso amigo comum: «coitado, aquê trabalha tanto, que não tem tempo para ganhar dinheiro».

Escolhesteis vossa carreira, certamente uma das mais nobres e belas. Que a vitória fácil e espalhafatosa de alguns espertos e ignorantes, dos que sabem pensar antes de tudo em si mesmos e em suas burras, dos que atropelam sem voltar a cabeça sequer para olhar a vítima, e avançam com um clangor de buzinas para a riqueza e o poder, que êsse espetáculo banal de nosso tempo vos deixe um pouco melancólico, isso é inevitável; mas que vos não amargue a vida; não sejais amargos.

No fundo, talvez não seja muito negócio vender a alma; a alma às vezes faz falta.

Sêde trouxas sem inveja e sem rancor, sêde trouxas suavemente, tranqüilamente, amorosamente, com toda a paz de vossa alma; sêde felizes!»

DN 20.12.67

413